

Mandela chega ao Rio

hoje mais fortalecido

JB

1/8/91

Gabriela Máximo

O Nelson Mandela que chega hoje ao Brasil é um líder negro bem mais fortalecido do que aquele que deixou a África do Sul no sábado retrasado para um giro pela Europa, Caribe e América Latina. Quando saiu de seu país a caminho da Espanha, Mandela ainda tentava digerir a suspensão parcial das sanções internacionais contra o governo sul-africano, que caiu como um presente para seus adversários. Ao regressar, na quarta-feira que vem, o líder negro encontrará o país imerso numa crise que atinge a todos, menos a sua organização, o Congresso Nacional Africano.



Nelson Mandela

Desde que o governo admitiu ter financiado o partido negro Inkatha, rival do CNA, Mandela recuperou, em grande parte, o perfil de único homem verdadeiramente comprometido com a democratização. Esta imagem lhe havia sido roubada pelo presidente Frederik de Klerk que prometeu mudar o país e aboliu as leis do *apartheid*, mas que agora se vê metido até o pescoço no escândalo do *Inkathagate*. Há duas semanas, o governo reconheceu ter doado ao menos 90 mil dólares para o Inkatha, entre 1989 e 1990. Embora garanta De Klerk que a verba tivesse como objetivo financiar manifestações de repúdio às sanções, há fortes suspeitas de que ela foi mesmo destinada a enfraquecer o CNA. Pressionado, o presidente promoveu na segunda-feira uma reforma ministerial, rebaixando de posto os envolvidos diretamente no caso.

Mandela voltará para casa como o *homem-que-tinha-razão*, pois há meses ele vinha acusando o governo de financiar o Inkatha nos conflitos que vêm produzindo milhares de mortos entre os negros. Quando saiu da prisão, há 18 meses, o líder negro foi surpreendido com o aumento da popularidade da organização negra rival. Durante os 27 anos de cárcere, ele havia se transformado num mito. Livre, teve que enfrentar o desgaste provocado pelas difíceis negociações com o governo, pela luta fratricida entre xhosas (partidários

do CNA) e zulus (do Inkatha), e até pelo escândalo envolvendo sua mulher, Winnie, acusada de cumplicidade no assassinato de um menino negro.

Aos 73 anos, o presidente do Congresso Nacional Africano se mostra disposto a negociar com o governo para que a maioria negra da população sul-africana conquiste, o mais rapidamente possível, a cidadania plena. Mas, fiel à sua longa trajetória de militante, não abre mão de um só artifício para chegar a este objetivo. "Este é um ideal pelo qual espero viver, mas pelo qual estou preparado para morrer", disse ele ao ser libertado. Durante todos os anos de prisão, Mandela recusou várias ofertas de libertação do governo, que exigia sua renúncia à luta armada contra o *apartheid*. O líder repetia que o governo é quem deveria abandonar a violência contra os negros.

Na prisão, Mandela foi excluído do mundo dos vivos e, para os carcereiros, perdeu o nome para se tornar apenas o número 466/64. Perdeu também o rosto, e uma foto do presidente chegou a valer 300 mil dólares, oferecidos pelas agências internacionais. Depois de anos sendo classificado como terrorista pelo regime, no final da década Mandela passou a ser visto por muitos brancos como a única esperança para uma solução pacífica do conflito sul-africano. Nos últimos dias, mais do que nunca a continuidade das negociações sobre o futuro do país está nas mãos de Mandela, que na quarta-feira deixa o Brasil, a última escala de sua viagem, para dar uma resposta à crise.

CIDADE DO MÉXICO — O presidente do CNA, Nelson Mandela, cancelou ontem um jantar que lhe seria oferecido pelo presidente mexicano Carlos Salinas para discutir a crise na África do Sul com seus auxiliares pelo telefone. A agência UPI afirmou que Mandela poderia abreviar sua visita ao Brasil, última etapa de uma viagem a seis países, ou mesmo cancelá-la devido aos problemas causados em Pretória pelas denúncias de que o governo financiava o movimento Inkhata, rival do CNA.

Mais Mandela no Caderno Cidade